

O Espozendense

ANO XXXV

ESPOZENDE, 31 DE MARÇO DE 1928

NUMERO 1:034

Semanao republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozenda

ASSIGNATURAAnno, sem estampilha 8\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com
estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.
Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.**ANNUNCIOS**Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 c. c.—Comun. ou re-
clames, linha 5) c. Imposto do sello, cada publicação 1\$3 c. — Anuncios
particulares: linha 70 c. Reclames e obras literarias med. um exem. Não se restituem original.Este n.º foi visado pelo snr. Administrador
do Concelho.

DISPERSAS

ao Agostinho Moreira.

O mundo esquece a ventura
Que em vida foi ilusão...
O tempo vai, e não torna
Com a mesma precisão.

*
Anda o sol sempre arredio
Da terra, seu coração;
Anda o meu amor auzente
Sem de mim ter compaixão.

SILVA VIEIRA.

VIVA A REPUBLICA!...

VIVA O GENERAL OSCAR CARMONA!..

VIVA PORTUGAL!...

A eleição presi- dencial

Está eleito presidente da Repu-
blica, o illustre general ex.mo snr.
Oscar Carmona.

O grande numero de votos com
que o seu nome foi sufragado, é um
atestado inconfundivel do prestigio
da Ditadura militar.

Pelos recenseamentos verifica-
dos em todo o paiz, vê-se que em-
bora os partidos optassem pela a-
bstenção, chega-se á conclusão da
derrota dos mesmos partidos, pois
o seu numero não chegou a um 5.º.

N'este concelho os recenseados
eram de dois mil quatro centos e pou-
cos, e o numero dos que sufragaram
o nome do illustre general, foi de
1.993.

Investe-se pois na Suprema Ma-
gistratura da Nação, o illustre sol-
dado que se tem imposto pela sua
independencia, pelo seu nobre caract-
er, amante da Justiça, da Ordem
e da disciplina.

Toma Portugal com este fa-
cto, nova feição, porque se apoia
em bases juridicas.

Apoiado pela maioria do povo
português, vigiado pelo Exercito,
há-de por certo o general Carmona
ilustre Presidente da Republica, fa-
zer executar todo o programa de
resurgimento e saneamento, de que
almeja a nossa patria, e que foi o
incitivo para o levante do 28 de
Maio.

Que todos os portugueses, ar-
riando todas as bandeiras, abdicando
dos seus partidarios, sem renun-
ciar ao direito de opinião, se
reunam em torno da bandeira da
patria, cooperando todos, para que
faciamos com que Portugal se im-
ponha ao respeito das nações, an-
gariando o conceito em que o ti-
nham outrora.

Demos pois um viva do fundo
d'alma á Republica, na pessoa do
sr. General Oscar Carmona.

Viva a Republica!...

Viva o Exercito Redemptor!...

Viva o General Oscar Carmona!

Viva a Dictadura Nacional!...

A PROPOSITO DO EMPRESTIMO

Acima de tudo por- tuguezes

(Continuado do numero anterior)

Cooperemos todos n'um
resurgimento nacional.

Pugnemos, mais do que nun-
ca por uma patria forte, coesa,
irmanando todas as vontades, fa-
zendo de seis milhões de espiritos,
uma só vontade;—o engrande-
cimento de nossa terra, saneando
os malificios que nos tem depau-
perado e arruinado.

Façamos com que tenhamos
confiança em nós proprios, cren-
te nas nossas proprias qualidades,
nas nossas energias, para que
de pé, firmes caminhemos pelo
provir ruidoso que ao longe
se aclara, depois de dissipada a
atmosfera terrorista, do venda-
val de oprobio que parecia des-
sencadear sobre nós.

Não pensem aqueles que o
julgaem, que caímos.

Escorregamos de quando
em quando, mas sempre sentine-
las avançadas a vigiar pelos des-
tinos da Patria.

O exemplo que nos deu
o illustre titular das colonias em
Genebra é a confirmação de tu-
do que dizemos.

Nada de descrenças. Unamo-
nos todos em volta do pavilhão
nacional, defendendo-o de todo
e qualquer ultrage.

Ha um ano mais ou menos
a guarnição de Braga, n'um
gêsto de alevantado civismo e
nobre patriotismo, quotisava-se
para que fosse paga a nossa di-
vida de guerra.

Tambem agora se vê em
todos os cantos surgir almas
portuguezas a querer dar á patria
o seu auxilio financeiro.

Que o gêsto da guarnição
de Braga, se faça assignalar n'esta
emergencia em todos os
portuguezes, dando cada um
o seu tributo, cobrindo n'um
emprestimo interno,
as necessidades da nação.

Eú, como um dos mais hu-
mildes portuguezes, nesta mo-
desta e humilde terra de Espo-
zende, deixo patente, que se en-
contra á ordem do governo, em
caso de subscrição nacional do
meu tributo de uma libra ouro
e em caso do emprestimo, tudo
quando eu possa no momento.

Que se agite, se sacuda, os
sentimentos nacionais, para que
os seus efeitos se façam sentir, é
o dever de todos quantos tem
noção do estado grave porque
atravessarmos.

Nada de paliativos, a hon-
ra nacional paira acima de tudo.

Precizamos mostrar aos que
nos confundem, que em Portu-
gal ainda existe muitos como
D. João de Castro.

Avante pois, cada um dê
o seu quinhão para que possam
dizer com toda a força dos
pulmões:—Viva Portugal, sem
peias, sem canga, sem tutela,
livre, independente e respeitado.

Armindo Eiras.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS

UM IMPORTANTE DONATIVO

Em comemoração de mais
um aniversario natalicio de sua
Ex.^{ma} filha D. Maria Luiza, o
grande amigo d'esta terra, e d'a-
quela Associação, o Ex.^{mo} Sr.
Henrique Marinho; grande in-
dustrial no Porto, ofereceu á
Associação dos Bombeiros o
importante donativo de 500\$00.
Só almas grandes e corações ge-
nerosos como S. Ex.^a, é que
praticam actos desta benemerencia,
concorrendo por esta forma
para que aquela Associação de-
sempehe nobremente o fim pa-
ra que foi creada. Os nossos pa-
rabens aos Bombeiros.

Ao mesmo tempo que salien-
tamos o valor do donativo e os
seus fins, pedimos como velhos
representantes da imprensa local,
ao digno comandante d'aquela
corporação, que exercite o mais
que poder o seu corpo activo,
pois sem exercicios constantes
até parece que não temos bom-
beiros. Ainda ha pouco tempo
assistimos a exercicios de cor-
porações congeneres nas quaes
o seu corpo activo está per-
feitamente instruido, e indagando
sobre exercicios, foi-nos res-
pondido que elles são constan-
tes.

Bem sabemos que não pos-
suindo ainda a Associação o
esqueleto para esses exercicios
mais difficeis se tornam, no
entanto com boa vontade tudo
se consegue...

Esperamos que o nosso al-
vitre não seja esquecido.

OS RAPAZES

ao A. Eiras.

Eu vou contar vos uma peque-
na historia, com referencia ao po-
der diabolico dos rapazes:

Certa mulher, casada, de Bar-
celos, estando prestes a dar a alma
ao Criador, disse ao seu consorte:

—«Homem; em antes de mor-
rer, queria pedir-te u na coisa.

—Diz lá, mulher!

—Pedir-te o seguinte, que te-
nho a certeza me farás, pois cons-
titui a minha derradeira vontade.

—Pois sim, mulher.

—Ouve então: Sabes que sou
mãe de 15 filhos, com quem pas-
sei o melhor da minha vida sempre
atribulada, e ainda com extranhos
que criei. Pois o que te peço é que,
logo que feche os olhos, não deixes
mais aproximar de mim rapazes:
nem tampouco quero que ao meu
oficio e outras cerimoniaes funebres
assistam coristas ou acompanhem
o meu cadaver ao cemiterio.»

Tais foram os transeis, as mor-
tificaçãos por que esta criatura pas-
sou, com os rapazes, que até de-
pois de morta ainda tinha medo
das suas travessuras!...

E tem isto visos de verdade.
Pois se até o *diabo* não quiz nada
com eles!..

Querem a prova do dito?

Aqui a têm:

—«Um certo dia, uma comadre
do *diabo*—este figurão tambem tem
comadres—convidou-o para ir a um
bátisado de pessoa muito da sua
amisade.

O *diabo* aceitou o convite da
melhor vontade e, jubiloso, enfar-
pelou-se com a sua melhor vesti-
menta de gala, enfeitou a cabeça
com o seu chapéu *bicornes*, e ime-
diatamente acompanhou a com-
adre. Saiu, todo ancho e galhofeiro,
das *cafurnas*, e pôz-se a caminho
da casa da amiga da comadre.

A certa altura, volta-se o *diabo*,
e num repente:

—O' comadre; eu esqueci-me de
lhe perguntar uma coisa...

—Diga o que é, compadre.

—Sabe se ao bátisado vão rapa-
zes?

—Vão, sim, compadre.

—Anh... vão?! Então, coma-
dre, dou o dito por não dito.

Já não quero ir.

—Então, por irem rapazes...

—Nada! não vou. E' gente com
quem me não entendo, nem quero
companhia...

Eu os arrengos!!!

E voltou para traz, e recolheu
ás infernais *cafurnas*, deixando a
comadre: ela que, de ordinario, nun-
ca dele se separava...

Pela *historia* da mulher de Bar-
celos, reforçada com a *historia* do
diabo, se vê de que quilate e de que
péle são os travessos, os endiabra-
dos rapazes!...

SILVA VIEIRA.

(Da tradição popular de Barcelo)

O Diabo do meio dia

Filipe II de Castela, em 1580, tendo as arcas abarrotadas de ouro, foi o comprador (de Portugal), os fidalgos e os jesuitas toram os *vendedores* e o infame Cristovam de Moura o *pregoeiro*.

E' isto o que (em suma) nos diz Faria e Souza na sua *Europa Portuguesa*.

Gregorio XIII, intimo do usurpador castelhano, conhecendo-o um fanatico, para melhor combater os inimigos da curia romana, auxiliou-o a tornar mais forte, o seu já forte poder com o dominio de Portugal.

Mas que razão tinham os portugueses, (com raras mas honrissimas excessões), para venderem a sua patria?

Quem os obrigava a serem cães, sabujos, sevandijas, poltrões?

Quem os forçava a serem tão repugnantes de sentimentos?—a torpe ambição, a cubiça insaciavel, e os jantares pantagruelicos, á imitação dos consules romanos.

Para infelicidade da humanidade e na nossa terra, houve e ha ainda gente, cujo patriotismo é a barriga.

Todos são b'das criaturas, pugnadores do bem alheio, exaltados das qualidades de outrem, emquanto este o põe á mangadoira.

O que se passou no malfadado ano de 1580, repete-se a qualquer momento, e em qualquer localidade da nossa terra, e ainda mais se accentua, em lugarejos pequenos, onde de quando em quando surgem figuras, que habilmente se transformam em régulos ou senhores feudaes.

A titulo de curiosidade, vou transcrever o enxerto de algumas cartas, que os poltrões d'esse tempo dirigiam ao rei de Castela, Filipe II, cujo estilo e sentido, é adaptado a factos que constantemente se passam.

Eis o trecho da carta, que o famigerado Cristovam de Moura, escreveu em 30 de Janeiro de 1580 a Filipe II.

«Tudo ha-de ter remedio, e quando outra cousa fôra, os governadores fal-a-hão boa se lhe obedecerem, porque de cinco temos os quatro, como vossa magestade sabe, e por taes estão apontados: e o arcebispo (de Lisboa) disse-me o honrera que lhe dessem mais cou-raças, etc. . . na Camara de Lisboa temos de quatro regedores trez, contando o novo que el-rei nomeou, e assim depois que ele entrou está a-quilo melhor. . . »

Mas no mesmo dia, o malandro, quando outra carta ao duque de Medina Sidonia, onde lhe notifica receios do Duque de Barcelos, «*por la gaña que el pueblo muestra de querer rey natural.*

Logo a seguir em 30 de março, do mesmo ano, escreveu a Filipe II: «Os meus cavalheiros (!) pretendem sacar mais do que aquilo que lhes promete quando se vier a tratar d'isso, e parece-me que teem intentos, segundo as cousas que praticam, de conseguirem que vossa magestade não venha a possuir n'esta terra um unico maravelhoso de renda, porque tudo querem para si.»

GABRIEL DE ZAYAS, secretario do rei castelhano, não podia encontrar maior sevandija.

Mas, como quasi sempre junto a uma canalha outros se juntam, transcrevemos o trecho de algumas mais:

D. Antonio de Castro, em 10 de fevereiro de 1580.

«Que parte para Cascaes, entendendo que ali p'de melhor servir, e cumprir com o officio de bom vassallo de sua magestade.—Oferece ter á devoção de sua magestade as fortalezas e vilas que tiver em seu poder.»

D. Fernando de Castro, carta de 5 de março de 1579.

«Estou muito dos direitos de sua magestade, e assim, eu, meus amigos e parentes, hão de servir a vossa magestade enquanto puderem.»

João Mendes de Vasconcelos, carta de 3 de Agosto de 1579

«Estou seguro da justiça de sua magestade, oferecendo para seu serviço vida, fazenda, filhos e parentes, com muita vontade.»

Martim Ferreira em carta de 24 de outubro de 1579.

«Ofereço-me servir sua magestade com muita lealdade em tudo quanto puder.

Sou capitão de 18 bandeiras de infantaria.»

Tem tambem aqui o rabo de saia, que se nos tem engrandecido muita vez, tambem se presta á perfidia.

Condessa da Vidigueira, carta de 5 de agosto de 1579.

«Ofereço o meu estado, fazenda e filhos para o serviço de sua magestade.»

Catarina de Ataíde, carta de 15 de Agosto de 1579, e 18 de Janeiro de 1580.»

«Suplico-lhe que veja o papel que dei a D. Cristovam. . . »

Ofereço-lhe a casa de Vila Verde e meus filhos, com muita lealdade, o que tudo está á obediencia de sua magestade.»

Por aqui se vê como Filipe II, (o Diabo do meio dia,) conseguiu tomar conta de Portugal.

A arte dos diabos é bem nitida e conhecida de todos, e não me admira que hajam alminhas, sem serem as que se veem nos nichos, que não queiram estar mal com o Diabo.

Para todos esses quadrupedes, o Diabo, resolveu fazer uma grande mangadoira, freios e boas ferraduras para a escourear e a urrar, dizendo do Diabo o que Mafona não diz ao toucinho.

Nessa altura o Diabo deu um éco estrepitoso, toda a atmosfera de terrór se dissipou e a manhã gloriosa do 1.º de Dezembro, onde a canalha, a plebe, a ralé, só com 40 fidalgos apenas, libertou a patria do garrote, do ferrêto do «*Diabo do meio dia*, e seus acolitos.

Armando Eiras

Falecimento

Em Viana-do-Castelo, e em idade provecta, finou-se, ha dias, a ex.ma mãe do nosso distinto amigo sr. dr. Eusebio Ferreira, digno agente do Ministerio Publico nesta comarca.

Temos informar de que os funerais da veneranda senhora, que gosava de muita estima naquella cidade, foram largamente concorridos de pessoas amigas.

A sr. dr. E. Ferreira e de mais familia enlutada, endereça

O Espozendense a expressões das suas condolencias.

EXPLICANDO

Com esta epigrafe, sahio no numero anterior uns versos, que foram escriptos em 2 de Janeiro d'este anno, e que tinham em mira, solicitar benevolencia, aos camaristas demissionarios, que por ventura se encontrassem melindrados pelos artigos que até então escrevia.

Louvei-os, porque encontrei durante a sua gestão actos dignos disso. Critiquei-os por notar apoz uma apatia condenavel.

Essa campanha, foi julgada por alguém,—maliciosamente— como acintosa e pessoal. Eu,— todos aqueles que me conhecem ha uma dezena de anos para cá, poderão dar testemunho,—e, embora alguns se encontrem em Lisboa, e outros no Brazil, tenho provas mais que suficientes que o atestam,—*nunci em tempo algum, intencionalmente fiz mal a ninguém.*

Foi essa a razão, que nessa ocasião, rabisquei esses desconchavados versos, onde nada mais expremiam que o meu sentir.

Calhou porem, que por fatalidade,—ao buscar o Director d'este jornal, do mólho de originaes que se encontram em seu poder de minha auctoridade, buscasse esse, que veio servir de galhardete aos entes caninos, que querem medir os outros por si.

Venho pois, declarar perante o publico, que nada tem esses versos com a polemica entre mim travada no que se diz respeito com a Guarda Nacional Republicana e os B. V. de Espozende.

Sustento todas as minhas afirmações nos artigos anteriores que me foram ditos e são testemunhados pelos senhores: Eduardo Rodrigues Ferreira, Alberto Cruz, Agostinho Ferreira, Arlindo da Silva Pinto, Quintino Martins Ribeiro, Augusto Miranda e senhora, 2.º Cabo da Guarda Fiscal—Eugenio, Antonio José Cardozo Matos, João da Cruz Faria.

Assim sendo, não podia eu pedir perdão, a quem anda a querer que alguém se preste a jurar a-quilo que não viu nem ouviu.

Se não compareci ao senhor Tenente Nunes, foi pelo simples facto de não ter recebido intimação alguma.

Ausente de Espozende desde o dia 20, só tive conhecimento do que se passava ás 17 e 35 do dia 23, na cidade do Porto.

Estou pois ás ordens do sr. Tenente Nunes, assim como as restantes testemunhas que faltam ser ouvidas.

Eis o que tenho a dizer e es-

tá encerrado o assumpto.

Armando Eiras

RESULTADO DE UMA DILIGENCIA POLICIAL

Contistas do «vigario» e amigos do «diabo»

Acabou-se o alvorço, passou o escarceu e desfizeram-se as taódas erguidas em volta de caso da busca a qua o administrador de Vila do Conde, sr. capitão João Cardoso Gaio e o seu secretario, sr. José Teixeira da Silva, acompanhados das autoridades locais, procederam em casa do nosso amigo sr. Manuel Fernandes de Carvalho, antigo e conceituado ourives desta vila, que vem de passar um mau quarto de hora *abeliano* e so-reu o vexame da sua detenção,—como *detentor* de notas falsas.

O que é certo, porém, é que, bem esmiuçada e apurada a investigação em tal *embroglio*, em outro dia que não aquele, mas no seguinte, de *atmosfera menos pesada*, a diligencia a que se procedeu na sua residencia seria de resultados quasi nulos e não iria além de uma queimada de *lana caprina*, de vaga e improcedente execução.

Final, o que se averiguou e apurou, é que o nosso amigo fôra victima de um logro do tal *José Galego* ou *Moiachos* e de um *distinto brasileiro*, que, pelo estado do processo do *porção do vigario*, lhe comparam uma porção de objectos de ouro no seu estabelecimento, passando-lhe para as mãos confiantes, entre uns copos e um pichel de otimo branco verde da sua lavra, a *paga*; parte em legitimas notas do Bando de Portugal, e parte num pacote de notas falsas de 10\$00 escudos, de montante que até excedia em algumas centenas de escudos a *transação* e que os meliantes diziam ficar já por conta e adiantado para mais negocio que dahi a dias viriam realisar, após o seu regresso de Espanha, onde ia negociar o ouro.

Passada a *borrasca*—e que tremenda ela era!—e esclarecidas e postas as coisas nos devidos e precisos termos em horas de bonança e calma, o que se conclui de tudo isto é que o senhor Carvalho se pôde contar no numero de tantos victimas dos *vigaristas* que por ahi vegetam e abundam como as ortigas sob o radioso sol da nossa patria.

Escusado seria, porém, ter sido tão deprimido e vexado, se, na sua boa fé, não confiasse demasiadamente em *amigos do diabo*, que reconhecemos os tem, e certamente desejariam, pelos modos, vê-lo a estas horas internado na Penitenciarial!

Entre esses *penicheiros*, não erraremos se lhe disserem haver alguém que o *acolitam* em certas *adorações* o amigo torna alvo das suas *francas* e *liberalidades*; e o abandonam, menospresam e ridicularisam após, nos momentos criticos e amargos como este. . .

Que se acantele, pois, mais e melhor, dêsses bonzos, que não são mais nem menos do que uns autenticos Judas; e seja menos prodigo, e prossiga na sua vida de comerciante que, como refere o quotidiano *Jornal de Notícias*, até esta insolita conjuntura, **não havia sofrido na sua honra a menor bejlecadura.**

E como voltou, felizmente, ao seio de sua familia e ao nosso grato convívio, jubilosos lhe endereçamos as nossas efusivas saudações.